

Sem palco não há estrelas

A nossa seleção sub-20 venceu há dias o Torneio de Toulon, o velho Maurice Revello, que nos fugia há 23 anos. Melhor ataque da prova, 15 golos em 5 jogos, dois deles na final à Tunísia. Não é um título maior, mas é um sinal: a máquina de formar talento continua a trabalhar como poucas no Mundo.

E ainda bem, porque é dela que vivemos. Portugal é um país pequeno, de base comercial pequena. Nenhum clube nosso compra um craque feito no mercado dos grandes — não temos as receitas dos gigantes das cinco grandes ligas, que pagam por um passe o que um clube português fatura num ano inteiro. O que sabemos fazer, melhor do que ninguém, é o contrário: identificar o talento cedo, desenvolvê-lo e vendê-lo lá para cima por dezenas de milhões de euros. Criar, mostrar, vender.

O segredo está no verbo do meio. Para vender caro é preciso mostrar — e o palco que valoriza um jovem não é a liga portuguesa, é a Europa. Renato Sanches valia uns milhões até defrontar o Bayern nos ‘quartos’ da Champions. Semanas depois saía para Munique por 35 M€. Darwin Núñez marcou ao Liverpool nos 2 jogos dos quartos e seguiu para Anfield por setenta e cinco. A Champions é a nossa montra. Sem ela, o talento fica barato.

É aqui que entra a chave de repartição dos direitos televisivos, aprovada a 8 de junho e em vigor a partir de 2028/29. Centraliza-se a venda e reparte-se o bolo: parte por mérito, parte por audiências, mas com uma consequência imediata. Se as receitas dos direitos não aumentarem de forma muito substancial, e ninguém acredita que aumentem, os clubes que vão à Europa verão as suas receitas cair de forma sensível.

O efeito é em cadeia. Menos receita para os clubes que disputam as provas europeias significa menos meios para reforçar, piores resultados na Europa, montra mais pequena — e, no fim da linha, vendas mais baratas. Vendas mais baratas significam orçamentos menores e, de novo, menos Europa. Corta-se o combustível precisamente ao motor que sustenta a nossa presença internacional. E o motor, uma vez gripado, não volta a pegar sozinho.

E essa presença é uma anomalia. Nenhum país com a nossa dimensão comercial devia ter 3 clubes a marcar passo na elite europeia ano após ano, uma façanha que ligas com economias muito maiores raramente alcançam. Somos a exceção que a economia não explica. Mas as exceções não caem do céu: esta assenta no engenho de criar, mostrar e vender. E na escala, que permite que um país pobre tenha clubes de classe média-alta europeia. Implementar esta chave de repartição não é um pormenor contabilístico. É arriscar acabar com a própria exceção.

Toulon prova que ainda sabemos criar. Falta garantir que continuamos a ter palco onde mostrar — antes que o melhor negócio do futebol português deixe de o ser.